

## O COSMOS HUMANO: ÉTICA E UTOPIA

Constança Marcondes CESAR\*

É no contexto de uma teoria geral da imaginação que Paul Ricoeur discute o papel da imaginação no plano social. Na sua filosofia, a ideologia e a utopia são vistas como duas expressões do imaginário social.

Vamos nos deter, primeiro, na caracterização do papel da imaginação; em seguida, examinaremos as questões da utopia e, finalmente, as relações entre *ética e utopia*.

Nosso autor aborda "a função prática da imaginação" (*Du texte à l'action*, p. 214), mostrando que a palavra *imagem* pode ter vários sentidos. Significa tanto "a evocação arbitrária de coisas ausentes, mas existentes alhures..." (id., p. 215), quanto os "retratos, quadros, desenhos, diagramas (...) cuja função é ocupar o lugar das coisas que representam" (id.), bem como a ficção, enquanto evoca "coisas inexistentes" (id.) e a ilusão, que faz crer, ao sujeito entregue a ela, que o objeto considerado é real (id.).

A noção de imagem está, pois, ligada às ausências e ilusão: "do lado do objeto, o eixo da presença e da ausência; do lado do sujeito, o eixo da consciência fascinada e da consciência crítica" (id.); em suma, às noções de *verdade* e erro.

O uso metafórico da linguagem, o recurso à imagem poética, evidencia, diz Ricoeur, a força heurística de ficção, isto é, sua "capacidade de abrir (...) novas dimensões da realidade" (id., p. 221). É pela *imaginação antecipadora* que desdobramos possibilidades de ação. Nossa relação com os outros, por sua vez, é possibilitada graças à *intropatia*, transferência, no imaginário, à situação do outro (id., pp. 225-228).

O laço entre os seres humanos só se estabelece "através de um certo número de práticas imaginativas, tais como a ideologia e a utopia" (id., p. 228). A função da ideologia é a de preservar a sociedade; a da utopia, a de fazer surgir novas maneiras de viver, manter aberto o campo dos possíveis: "A utopia é o modo sob o qual repensamos radicalmente o que são família, consumo, governo, religião, etc. De 'parte alguma' jorra a mais formidável contestação daquilo-que-é" (id., p. 232).

A utopia, para o filósofo, tem uma função de subversão e de crítica aos paradoxos do poder e da vida em sociedade, submetendo a realidade ao sonho, ao dever-ser (id., p. 233). É, pois, a tentativa de "mostrar o que o homem é fundamentalmente (...)" (id., p. 234), a "... profecia do homem vindouro" (id., p. 235). O plano do dever-ser e o da utopia, sem coincidir, convergem, pondo em relevo a dimensão ética do homem.

Trata, assim, de discernir as funções positivas da ideologia e da utopia, aquela integrando a sociedade, esta "reinterpretando a vida real" (id., p. 387), expressando "as potencialidades de um grupo" (id., p. 388) e permitindo pensar, outros modos de ser. Para nosso autor, a utopia enquanto variação imaginativa sobre o poder, pretensão a "escatologia realizada" (id., p. 389), tem uma função libertadora, a de "manter aberto o campo do possível" (id., p. 390).

A função ética da utopia consiste, a nosso ver, na instauração, alhures, de um bem-viver. Podemos dizer que a pequena ética de Ricoeur, cuja regra de ouro é "visar a vida boa, com e para os outros, em instituições justas" (*Soi-même comme un autre*, pp. 199-236), já anuncia sua meditação

---

(\*) Mestrando do curso de Mestrado em Direito Processual Civil da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

sobre o Estado de Direito, jamais completamente concretizado, mas eixo de sua reflexão sobre o político. A "cidade do futuro" é aquela onde os conflitos não são insuperáveis, onde a liberdade e a igualdade perante a lei, a racionalidade, podem se expressar. O caminho para tal cidade ideal é "a educação de todos para a liberdade, pela discussão" (*Du texte à l'action*, p. 400). O Estado ético é o que realiza eficazmente o justo, e "sua virtude é a prudência" (id.). Seu poder está fundado na razão, seu desafio é a mundialização da não-violência, "face externa da virtude da prudência" (id., p. 402). A utopia de Ricoeur assinala a urgência da criação de um Estado mundial, de uma autoridade reconhecida acima dos Estados individuais, como condição de sobrevivência destes "*enquanto educadores não-violentos*" (id.).

A utopia de Ricoeur enlaça ética e política; ela consiste na busca do Estado de Direito, na tentativa de criação de um espaço de liberdade, de igualdade jurídica; na "efetuação da intenção ética na esfera do político" (id., p. 403). O caminho para a utopia é o engajamento do cidadão numa democracia. O Estado democrático é, na opinião de Ricoeur, aquele que se caracteriza, não pela eliminação dos conflitos - posto que o conflito é inelutável, dada a condição humana precária e falível - mas pela "invenção de procedimentos que permitem expressá-los e mantê-los negociáveis" (*Du texte à l'action*, p. 404). A livre discussão propicia a formação de uma *opinião reta*; mas a liberdade só está assegurada quando o maior número de cidadãos participa das decisões.

A vida feliz, na cidade futura, está marcada pela amizade, o bem-viver junto. As instituições devem expressar o poder-em-comum, a vida ética no plano social. Assim, "a ação pública é um tecido (...) de relações humanas" (*Soi-même comme un autre*, p. 229), que deve buscar instaurar a justiça, a equidade, a igualdade proporcional: "*A igualdade (...) é, para a vida das instituições, o que a solicitude é para as relações interpessoais*" (id., p. 236).

Analogamente à cidade ideal, platônica e aristotélica, a democracia entendida como a perfeita realização da "vida boa, com e para os outros, em instituições justas", também não se concretiza plenamente. Há sempre um desnível entre o dever-ser e o real. A constatação de Ricoeur, da inelutabilidade do conflito, do mal e da falibilidade

na vida humana, faz lembrar as obras de maturidade de Platão e Aristóteles, assinalando que a cidade ideal não pode expressar-se inteiramente no mundo sensível. Como os mestres gregos, Ricoeur trata, perante tal desnível, de discutir as condições da melhor vida possível. Reitera, assim, no mundo contemporâneo, as antigas lições: da educação como caminho para a liberdade, da lei como garantia do bem-viver, do debate como instrumento do consenso.

Vendo o trágico da ação, Ricoeur busca, na democracia, o equivalente "da eubulia - a boa deliberação" (*Soi-même comme un autre*, p. 301).

O bem-viver aí se expressa como tolerância, pluralismo, respeito (id., pp. 304 e segs.). De modo semelhante aos mestres gregos, nosso filósofo aponta, nos totalitarismos de hoje - como os antigos apontavam, outrora, na tirania - o grande obstáculo à constituição da cidade feliz.

Analisando as "tarefas do educador político" (*Lectures I*, pp. 239-255), Ricoeur uma vez mais relaciona utopia e moral. Vejamos os passos dessa relação e os elementos dessa utopia; a inspiração na ética clássica, embora permaneça como fundo de sua abordagem, cede lugar à atenção do filósofo à complexidade e novidade da sociedade contemporânea e à busca de uma *paideia*, que responda às novas exigências éticas.

O filósofo é visto como um educador político, assim como os intelectuais e "todos os que se sentem responsáveis, por uma ação de pensamento, de palavra e de escrita, pela transformação, a evolução, a revolução de seu país. Esses homens se acham tanto nos sindicatos, nos partidos, quanto nas sociedades de pensamento e nas igrejas" (id., p. 239).

No sentido amplo, a civilização abrange "os utensílios, máquinas (...), a técnica (...), tudo o que pode ser considerado como acumulação de um bem adquirido" (...); ela é "o conjunto dos meios e mediações que permite a uma coletividade humana criar novos bens" (id., p. 240). Assim, envolve "o saber, as ciências (...) na medida em que não os consideramos somente como invenções atuais, mas como uma aquisição coletiva (...) recurso cristalizado em bens disponíveis" (id.).

A civilização é única, expressa uma humanidade, na medida em que "toda invenção é adquirida, por direito, por todos os homens" (id.).

Nossa época é talvez a primeira a ter consciência de pertencer a uma humanidade, a uma civilização mundial, que cresce sem cessar o seu saber. Mas enquanto apropriação da realidade técnica e econômica através de instituições, na pluralidade das experiências históricas, só há civilização no plural. Ou seja, o fenômeno da civilização se desdobra em muitos níveis, nos planos da vida política e dos valores; nosso desafio é que "em parte alguma (...) podemos descobrir um *ethos* universal (...)" (id., p. 246).

Em que consiste a utopia e qual sua relação com a ética, na complexa civilização mundial com a qual nos deparamos? Qual o papel do educador político, do filósofo, nessa civilização?

A utopia se apresenta como a proposição de um valor-horizonte, que assinala ao homem contemporâneo as tarefas urgentes, imediatas, na construção da cidade do futuro.

Essas tarefas, Ricoeur as resume como: "a luta pela democracia econômica; o oferecimento de um projeto para o conjunto dos homens e para a pessoa singular; a reinterpretação do passado tradicional, face à ascensão da sociedade de consumo" (id., p. 255).

Examinemos cada uma. A primeira tarefa consiste na instauração de uma democracia econômica em que os homens se tornem capazes de assumir uma responsabilidade coletiva, fazendo aparecer o significado ético de toda escolha aparentemente econômica (id., pp. 248 e segs.).

Tal democracia econômica deve "fazer participar o maior número possível de indivíduos na discussão e na decisão (...) para que a escolha coletiva não seja confiscada por um pequeno número (...), um partido (...), os tecnocratas (...) [ou] grupos de pressão" (id., p. 250). Criação coletiva, a existência deve implicar responsabilidade coletiva, voltando-se para o futuro, para possibilidade da existência de uma humanidade depois de nós ("Postfaceau Temps de ia responsabilitté in Lectures I, pp. 270-293).

A segunda consiste em integrar, na sociedade de consumo, as massas na vida histórica, exercendo "uma espécie de arbitragem permanente entre o universalismo técnico e a personalidade constituída no plano ético-político" (Lectures I, p. 254) e articulando "o tempo de aquisição e de progresso",

representado pelo mundo tecnológico e "o tempo da criação e da memória", representado pelas culturas, com seus valores e símbolos (id.).

A terceira tarefa urgente é tratar de reconhecer as espiritualidades, os valores do passado que podem sobreviver e, mediante "uma reinterpretação viva das tradições", auxiliar as sociedades modernas "a resistir ao nivelamento ao qual as submete a sociedade de consumo" (id., p. 255).

A democracia que buscamos ainda não existe; hoje, só conhecemos, "em toda a parte, a burocracia" (id., p. 250), o autoritarismo, a planificação selvagem, a luta de interesses (id.), diz Ricoeur.

É no plano político que a reflexão ética se torna essencial, para a edificação da cidade do futuro. A tarefa do filósofo consistirá em manter a tensão viva entre uma moral da convicção (a das comunidades confessionais, das culturas) e a da responsabilidade (a da violência regradada, a do cálculo político) (id., p. 251).

Cabe ao pensador atual articular "o desejável humano" e o "optimum ético" (id.), a eficácia social e a utopia.

Utopia e realidade não são opostos absolutos; a utopia, como a ficção, redescreve a realidade, contesta aquilo que é, mantendo abertas alternativas de vida (*L'Idéologie et l'Utopie*, p.12 e segs.). A utopia não é "um sonho, mas alguma coisa que exige ser atualizada" (id., p.11); ajuda "a repensar a natureza de nossa vida social" (id., p. 36), pondo em evidência a "contingência da ordem" vigente (id., p. 396).

Na sua utopia, Ricoeur enfoca a humanidade como um único ser, posto no limiar de um novo mundo, mais fraterno: tal é o valor-horizonte que move a sua esperança.

Não pretendemos esgotar as possibilidades abertas pela reflexão do nosso filósofo sobre a utopia. Em sua obra, os temas são recorrentes e abordados sob muitos ângulos.

Por isso, deixamos deliberadamente de lado o exame dos opostos complementares ideologia-utopia, e o das utopias de Manheim, Saint-Simon, Fourier, abordados no curso magistral *A Ideologia e a Utopia*, publicado em inglês, pela Columbia

University Press, em Nova Iorque, na certeza de que merecem estudos ulteriores.

Em resumo, podemos dizer que ao estudar o papel da imaginação na vida social, Ricoeur toma como ponto de partida de suas análises a consideração das noções de imagem, de imaginário, de utopia, tendo em vista estudar o papel crítico de utopia face aos paradoxos do poder.

Esta crítica tem por finalidade, também, a descrição do bem-viver e dos valores de não-violência, liberdade, tolerância e justiça, na civilização mundial que se anuncia. A utopia democrática de Ricoeur trata de articular o "desejável humano" e o "optimum ético" em vista de orientação da ação na busca de uma vida feliz para todos os homens.